

**DAS DIRETAS JÁ AO FESTIVAL DO FUTURO: CORPOS, FESTA E TEMPORALIDADES
EM ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DE CELEBRAÇÃO DA DEMOCRACIA¹**

**From *Diretas Já* to *Festival do Futuro*: Bodies, Festivities and Temporalities in
Historical Events Celebrating Democracy**

Daniela Abreu Matos

Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5704919732927582>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3859-8488>.

Denise Figueiredo Barros do Prado

Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1304113577874377>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0547-9896>

Frederico de Mello B. Tavares

Doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professor na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1055076200668705>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6410-4739>

Resumo

O acontecimento *Diretas Já* dialoga com mobilizações populares históricas brasileiras e, ao mesmo tempo, dá a ver sentidos que possibilitam pensar dimensões políticas de movimentos de massa em um amplo espectro de possibilidades de existência. Nesse viés, observando sua dimensão de festa e espetáculo em prol da democracia, este artigo busca explorar a relação de um momento festivo recente da vida nacional – a cerimônia de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º janeiro de 2023 (que ritualizou o fim do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro), denominada de *Festival do Futuro* – com a campanha das *Diretas Já*. O *Festival do Futuro* foi um ritual que ultrapassou as lógicas do ceremonial político. A planejada e prevista celebração estava atravessada por um feixe de temporalidades e afetos, reunidos numa ideia de comunhão, concretizada, para além das formalidades rotineiras da solenidade da posse. Desta compreensão, o artigo reflete sobre questões sócio-históricas relacionadas a esse evento e problematiza de que forma o festival se delineou como um momento de partilha pública, emergente enquanto festa e linguagem, capaz de traduzir, pela presença dos corpos em assembleia, uma forma de encantamento que se torna gerativa e criativa de possibilidades de futuro, tal qual se deu com as *Diretas Já*, há 40 anos. A reflexão busca interpretar

¹ Uma versão preliminar desta discussão foi apresentada no 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023.



como a vivência e a circulação midiática em eventos populares de ocupação das ruas como o *Festival do Futuro*, em perfis de redes sociais, permitem o compartilhamento de percepções sobre futuros imaginados coletivamente na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Diretas Já. Acontecimento. Festival do Futuro. Corpos em Assembleia. Encantamento. Festa. Democracia. Temporalidades.

Abstract

The *Diretas Já* event dialogues with Brazilian historic popular mobilizations and, at the same time, reveals meanings that make it possible to think of the political dimensions of mass movements in a broad spectrum of possibilities. In this regard, looking at its dimension as a celebration and spectacle for democracy, this article seeks to explore the relationship between a recent festive moment in national life: the swearing-in ceremony of President Luiz Inácio Lula da Silva on January 1, 2023 (which ritualized the end of Jair Bolsonaro's far-right government), known as the *Festival do Futuro*, and the *Diretas Já* campaign. The *Festival do Futuro* was a ritual that went beyond the logic of political ceremonial. The planned and predicted celebration was crossed by a group of temporalities and affections, brought together in an idea of communion, materialized beyond the routine formalities of the solemnity of the inauguration. Under this perspective, the article reflects on socio-historical issues related to this event and discusses how the festival became a moment of public sharing, emerging as a celebration and a language, capable of translating, through the presence of bodies in assembly, a form of enchantment that becomes generative and creative of possibilities for the future, just like the *Diretas Já*, 40 years ago. The reflection seeks to interpret how the experience and media circulation of popular street occupation events such as the *Festival do Futuro*, on social media profiles, allow perceptions to be shared about collectively imagined futures in contemporary Brazilian society.

Keywords: Diretas Já. Event. Festival do Futuro. Bodies in Assembly. Enchantment. Party. Democracy. Temporalities.

Introdução

A cerimônia de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrida em 1º de janeiro de 2023, não foi apenas um ritual traçado pelas lógicas do ceremonial político. A planejada e prevista celebração, mais que oficializar o início do terceiro mandato presidencial de Lula, esteve atravessada por sentimentos, identidades e acontecimentos, num feixe de temporalidades e afetos, reunidos numa ideia de comumhão, concretizada, para além das formalidades rotineiras da solenidade, em um grande festival. O chamado *Festival do Futuro* contou com a apresentação de dezenas de artistas nacionais em dois



palcos simultâneos – palco Elza Soares e palco Gal Costa, em homenagem às artistas falecidas em 2022 – e foi assistido, *in loco*, por um público estimado de 300 mil pessoas², espalhadas pela Esplanada dos Ministérios em Brasília, ao longo de todo o dia 1º de janeiro e madrugada do dia 02³, com transmissão simultânea a partir de canais de YouTube ligados ao *Partido dos Trabalhadores (PT)* e a *TVT*⁴, ampliando assim a repercussão dos encontros e da celebração proposta.

Próximo aos palcos, mais à frente de sua localização no Eixo Monumental da capital federal, outras milhares de pessoas se aglomeraram ao longo da manhã daquele dia de frente ao Palácio do Planalto, para testemunhar a subida da rampa e o discurso do novo presidente empossado. Em todo o espaço da Esplanada, também, havia telões que retransmitiam ao vivo a cerimônia e suas passagens, que foram intercaladas pelas apresentações nos palcos do *Festival*. Entre uma zona e outra da festividade, o trânsito de pessoas era intenso, uma espécie de grande *assembleia em movimento*, com cores, sons e formas diversas.



² Dados informados pelo portal do Senado Federal e disponíveis em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/01/01/milhares-de-pessoas-acompanham-a-posse-de-lula-em-brasilia>

³ Ver programação do evento, disponível no site oficial: <https://lula.com.br/confira-a-programacao-completa-da-posse-e-do-festival-do-futuro/>

⁴ Emissora educativa outorgada à Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região.



FIGURA 1(à esquerda): Imagem aérea da Esplanada dos Ministérios em Brasília (DF), às 11h32 do dia 01/01/2023 FONTE: Poder360⁵, foto sem indicação de autoria

FIGURA 2 (à direita): Imagem aérea da Esplanada dos Ministérios em Brasília (DF), às 16h27 do dia 01/01/2023 FONTE: Poder360⁶, foto sem indicação de autoria

Quarenta anos antes, imagens de multidão já tinham sido incorporadas ao imaginário político brasileiro com os registros fotográficos e audiovisuais das muitas manifestações em torno da campanha *Diretas Já*, que culminaram nos atos realizados em abril de 1984 na Praça da Candelária, Rio de Janeiro, e no Vale do Anhangabaú, São Paulo, cuja estimativa de participação chega a 1 milhão e 1,5 milhões de pessoas, respectivamente. Sobre a referida Campanha, que ocorreu entre março de 1983 e abril de 1984, é consenso considerá-la como o maior movimento cívico-popular da história do país (Arcary 2014, Assis 2007, Santos 2015, Delgado 2007), apesar de divergências em torno das interpretações sobre seu impacto político na consolidação da democracia brasileira, entre visões mais otimistas ou considerações sobre o caráter excessivamente conciliador do processo de abertura democrática no Brasil.

⁵ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/publico-da-posse-de-lula-supera-7-de-setembro-de-bolsonaro/>

⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/publico-da-posse-de-lula-supera-7-de-setembro-de-bolsonaro/>





FIGURA 3 (à esquerda): Imagem aérea da Praça da Candelária, Rio de Janeiro – Crédito Ari Gomes – AcervoCPDocJB FONTE:Fundação Perseu Abramo⁷

FIGURA 4 (à direita): Imagem aérea do Vale do Anhangabaú em São Paulo.
FONTE: Memorial da Democracia⁸

Outro consenso importante é que, apesar da não aprovação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira – que garantiria as eleições diretas para Presidente da República de forma imediata –, o movimento é considerado vitorioso, visto que operou uma significativa transformação na cena política nacional, com intensa participação popular, presença de artistas e pessoas com relevante reconhecimento público e articulação suprapartidária após 20 anos de violência e autoritarismo instalados pela Ditadura Militar.

Mas, apesar da derrota da emenda das diretas já a imagem das multidões lotando os espaços públicos, passou a integrar, de forma inequívoca, as páginas de nossa história e se constituiu como marca expressiva de uma trajetória sem retorno pela reconquista da democracia política, na década de 1980. A “campanha pelas diretas já” foi, de fato, o maior movimento cívico/popular da história brasileira. O fervilhar das ruas traduziu uma forte simbiose entre bandeira política democrática e aspiração coletiva por liberdade (Delgado 2007, 2).

⁷ Disponível em: link:<https://fpabramo.org.br/pt43anos/diretas-ja-colegio-eleitoral-nova-republica/>

⁸ Disponível em: <https://www.memoraldademocracia.com.br/card/diretas-ja>



As reflexões acadêmicas e a cobertura midiática são unâimes em observar a experiência festiva e a dimensão espetacular que tomou conta dos atos da campanha das *Diretas*. Analistas e jornalistas buscam expressões até então distantes do vocabulário considerado “político” para descrever as manifestações, mesmo que ainda com algum estranhamento, a exemplo de texto publicado pela *Folha de S. Paulo*, no qual se diz: “A manifestação de ontem foi uma festa de todos [...] A chuva de papel picado, as baterias de algumas escolas de samba, o trio elétrico, os abraços e os gritos em momento algum abalaram o enredo da festa [...] a exigência do direito de votar para Presidente. A festa não foi inconsequente” (Sierra 1984, 6 *apud* Santos 2015, 306).

Em artigo publicado ainda em 1984, Maria Lúcia Montes e Marlyse Meyer ratificam essa compreensão e aprofundam a reflexão sobre os ganhos políticos da forma-festa da campanha das *Diretas Já*. Refletindo sobre os aprendizados possíveis a partir desse tipo de experiência, as autoras destacam que “(...) Contudo, nada disso aprenderíamos se não nos fosse ensinado pela festa, experiência direta, que passa pelos poros e entra por todos os sentidos, de nossa comunhão, enquanto público-ator, no espetáculo em que se fundem festa e política, cuja força pedagógica é preciso entender” (Montes e Meyer 1984, 86).

No esteio da compreensão dos aprendizados resultantes de ações políticas que mobilizam multidões e são capazes de constituir um ambiente público de partilha é que aproximamos esses dois momentos da história nacional – a campanha das *Diretas Já* e o *Festival do Futuro* – com o objetivo de desenvolver uma reflexão sobre a celebração de posse do 3º mandato do Presidente Lula no intuito de indagar as potências do estar juntos, em comunhão. Não se trata de um movimento comparativo ou que desconsidere as diferenças e características específicas de cada um deles, mas sim um olhar interpretativo para a potência do encontro de *corpos em assembleia*, motivados pelo desejo de estar juntos numa celebração do encontro e da possibilidade de outros futuros.

Tomando as *Diretas Já* como ensejo para observar um *continuum* de reivindicações públicas por democracia na história nacional, procuramos captar o *movimento* que se articula e se realiza no *Festival do Futuro* como ato político, afetivo e



festivo⁹. Nesta perspectiva, observar o *Festival do Futuro* enquanto ato, gesto coletivo, nos parece desafiador. O *élan* que o evento inaugura e promove não subsiste nas imagens geradas (e circuladas), mas, por outro lado, deixa rastros que sinalizam para uma forma de viver e sentir a experiência do aqui/agora do evento e de suas pontes com um “desejo de democracia”¹⁰ de outros momentos históricos.

Buscamos, então, apreender o curso sensível dessa energia social que *havendo sido* presente, transbordante no *ato*, se movimenta, e, ao reverberar, de alguma forma, ainda é entre nós – ou, pelo menos, se não tão forte como em 2023, deve se constituir, já agora, como memória que alerta sobre passados recentes. Neste movimento, como proposta analítica, pela imponderabilidade de captura do ato, nos permitimos promover uma leitura sensível desse fenômeno, um *flanar* entre as imagens e dizeres que o circunda e nos rodeia através das replicações da #festivalofuturo em redes sociais digitais e das imagens a ela associadas.

1. Festival do Futuro: vivência e circulação midiática

O *Festival do Futuro* e seu elenco de artistas, com quase 24 horas de duração, foi pretexto e cenário para uma celebração, ampliando a festividade de posse do presidente Lula para o seu terceiro mandato, ao mesmo tempo em que possibilitou o surgimento de outros sentidos para o próprio evento. No diálogo entre o previsível da cerimônia e o imprevisível da comemoração, o coletivo de corpos formado pelo grupo presente foi dissipando a tensão que antecedeu o *Festival*, marcado por um forte esquema de segurança e pela possibilidade de ataques por parte de grupos insatisfeitos com o resultado das eleições presidenciais de 2022. Assim, o festivo também incorporou, junto à alegria, um sentimento de alívio e de superação do medo. O público daquela grande

⁹ Entre os/as autores/as deste artigo, há pessoas que estiveram presentes em Brasília, em 1º de janeiro de 2023. O texto, portanto, dialoga com a memória e as afecções em relação àquele momento, vividas pelos/as autores/as de forma mediada ou presencial.

¹⁰ Não entraremos, neste texto, em discussões específicas sobre o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, que antecedeu o terceiro governo de Lula, mas reconhecemos – como afirmam Silva e Rodrigues (2021), Araujo e Carvalho (2021) – dimensões de autoritarismo como marcas daquele governo. Algo que incide sobre essa ideia de “desejo de democracia” que pauta a celebração coincidente ao seu encerramento.



arena, em sua cena performática, empunhava sorrisos, gritos, danças, abraços, lágrimas, dando à materialidade do corpo individual e coletivo um papel de subversão e de resistência.

Nas imagens e vídeos feitos pela imprensa e em conteúdos presentes nas redes sociais digitais, é notável a predominância do vermelho, do verde e do amarelo; de músicas e gritos que remetem à história do *PT* e de seus integrantes, de festividades nacionais e do próprio Lula; de rostos, sorrisos e corpos que indicam, por meio de roupas, cartazes, legendas, um protagonismo da diversidade, como ideia a ser notada e compreendida. Abaixo, em seu perfil no *Instagram*, @guerreiravirginiapassos ressalta a sensação de experiência vinculante ao destacar, numa foto posada junto a um grupo de capoeiristas (FIG. 5): “O Brasil subiu a rampa do Planalto [...]” e finaliza acionando elementos que associam a sua identidade social para demarcar a sua presença na movimentação dos corpos que constituía o evento: “[...] E a Paraíba teve como representatividade a professora Guerreira Passos fundadora desse Projeto Social de Capoeira, uma mulher, negra, capoeira ativista. Feliz 2.000&LULA!!”.

O perfil @opoetadaluz, em *post* com uma imagem de um boneco do presidente eleito Lula em meio à uma aglomeração de pessoas (FIG. 6), vai nessa mesma toada, registrando a dimensão histórica da data, o significado do testemunho de estar em Brasília, bem como os sentidos do próprio acontecimento, destacando o início de um novo ciclo para o país.





FIGURA 5: Post de 04/01/2023 do perfil @guerreiravirginiapassos no Instagram
FONTE: Reprodução da internet



FIGURA 6: Post de 06/01/2023 do perfil @opoetadaluz no Instagram
FONTE: Reprodução da internet



Em uma visada livre sobre os registros da cobertura do evento, seja os realizados por jornalistas e profissionais, seja aqueles compartilhados pelo público presente, é possível fitar não apenas convidados ilustres, com laços institucionais ou históricos marcados; como também grupos de pessoas anônimas, caravanas, compartilhando o mesmo momento – portanto, organizados para ali estarem; bem como flagras de encontros entre conhecidos ou não, durante todo aquele dia ou depois dele, na percepção de uma proximidade física revelada na reverberação do acontecimento em sua midiatização imediata e consequente.

Noções de futuro, diversidade, democracia, resistência, testemunho, cultura, aparecem nas postagens das redes e dão um sentido das vivências a partir dos relatos como aquele compartilhado, no próprio dia 1º de janeiro de 2023, por @lecaracortada: “A gente estava lá e festejou. Nossos corpos cansados dançaram sem medo até o outro dia amanhecer, amando sem parar e esbanjando alegria como anunciava aquela música de Chico. Celebramos a arte, a cultura e a diversidade que compõem a bonita identidade brasileira e tanto fizeram para apagar” que ainda complementa “A gente estava lá. E, de lá, a gente não sai nunca mais”.

O perfil @napracadafigueira endossou a ideia de emoção e partilhamento, em postagem de 05 de janeiro: “Acho que preciso de mais tempo para entender o que foi ser cúmplice deste momento. É choro estancado, alívio e brilho nos olhos de emoção. Há 20 anos atrás eu dava o meu primeiro voto pra presidente. E agora, poder ser feliz de novo, como ele mesmo mostrou que é possível ser, é um acalanto. Que bom ser contemporânea de vocês. Agora mais do que nunca”. O sentimento de recomeço e felicidade também aparece na postagem de 1º de janeiro do perfil @valdffernandes, junto a uma imagem dos palcos do *Festival do Futuro*: “Festa da democracia. Fim de uma era fascista. Gostoso demais ❤ Feliz Brasil novo pessoal”.

Se aproximamos a Esplanada dos Ministérios em 1º de janeiro de 2023 a uma ideia de ocupação, tem-se, no contexto do *Festival do Futuro* e da Cerimônia de Posse, algo que remete à rua como espaço de congregação e encontro, permeado por questões relacionadas às características de manifestações e da festa como acontecimento. Ainda



que se trate de um evento previamente pensado e, portanto, cercado de lógicas que indicam o seu próprio acontecer, a reunião de pessoas ali formada ultrapassa, pelos afetos compartilhados e pela convergência física e de distintos tempos, o caráter protocolar, dando vida a movimentos e trajetos não ensaiados de expressão de alegria.

Ou seja, a “ritualidade” prevista na organização do evento não é impeditiva para a emergência de uma dimensão performativa da experiência ali compartilhada. Para além dos planos e ritos, a vivência corporal do *Festival do Futuro* encarna uma condição de partilha de sentidos, cuja compreensão estimula e interroga o olhar de quem o vê. Diante disso, propomos, neste texto, compreender como o *Festival do Futuro*, emaranhado à Cerimônia de Posse e às questões sócio-históricas que circundam esse evento, se delineou como um momento de partilha pública, emergente enquanto *festa e linguagem* (Bakhtin 1987, Certeau 2008), capaz de traduzir, pela presença dos *corpos em assembleia* (Butler 2018), uma forma de *encantamento* (Simas e Rufino 2020) que se torna, ao mesmo tempo, gerativa e criativa de possibilidades outras de futuro.

2. A cena política do evento e a emergência da festa

Do ponto de vista da cerimônia oficial, a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mantém uma linearidade estabelecida desde a eleição presidencial de 1989, com o/a vencedor/a do pleito eleitoral assumindo o cargo para o qual foi eleito/a. Em 2023, entretanto, não houve a transmissão da faixa presidencial do presidente cedente para o presidente eleito, gesto simbólico que se mantinha desde o término da Ditadura Civil-Militar (1964-85). Foi também a primeira vez que um presidente terminou o mandato fora do país. O ex-presidente Jair Bolsonaro viajou para os Estados Unidos em 30 de dezembro de 2022, ausentando-se voluntariamente da tradição de passagem do cargo.

Em 2003, na posse de Lula para o seu primeiro mandato, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) cumpriu a passagem de um presidente eleito a outro de forma amistosa e emocionada, como relatado à época pelo jornal *O Globo* e analisado por Albuquerque e Holzbach (2007). Segundo os autores, naquele momento, para além do protocolar e ritualístico,



A posse de Lula dramatiza o tema da alternância do poder também sob dois outros aspectos. Por um lado, a inédita chegada ao poder de um partido historicamente identificado como de esquerda fornecia uma evidência adicional da maturidade da democracia brasileira, entendida do ponto de vista do respeito ao direito de escolha dos cidadãos. Por outro lado, pela primeira vez um brasileiro de origem popular, metalúrgico e líder sindical chegava à presidência do país. Assim, a sua posse simboliza também uma consolidação da democracia, entendida no seu sentido clássico de “governo do povo” (Albuquerque e Holzbach 2007, 65).

Vinte anos depois, a posse de Lula para o terceiro mandato também carregou simbolismos que ultrapassam o protocolar e carregam outras singularidades, também conformando-se como “ocasião privilegiada”. Se o “[...] ritual da posse celebra a (re)conciliação dos adversários políticos (mesmo que muito provisória), a transfiguração do candidato eleito pela maioria no presidente de toda a nação e, não menos importante, a alternância do poder como dimensão fundamental do sistema democrático” (Albuquerque e Holzbach 2007, 64), no caso de 2023, essa condição liminar vê-se, por um lado interrompida, dada a ausência do ex-presidente, mas, por outro lado, renovada, uma vez que se transformou a passagem da faixa em um evento especial dentro do evento maior.

Se a posse de Lula em 2003, “[...] conseguiu conciliar duas características bastante distintas: a alternância real de poder e uma posse civilizada e protocolar, com a presença do antecessor” (Albuquerque e Holzbach 2007, 68), em 2023, a ausência do antecessor ressignifica não apenas o rito, mas amplifica ideias sobre a democracia nacional. A “[...] entrega da faixa ao presidente eleito pelo seu antecessor marca o clímax do dia da posse”, como afirmam Albuquerque e Holzbach (2007, 69), “[...] embora o gesto que efetivamente concretiza a transição de poder seja a assinatura do termo de posse pelo novo presidente, a troca de faixas torna a mudança de poder mais visível para o público. Ao trajar a faixa, o presidente simbolicamente incorpora a nação”.

Na capa do jornal *O Globo* de 02 de janeiro de 2003, na cobertura sobre a posse presidencial, FHC e Lula aparecem em destaque, no momento da entrega da faixa. A imagem também foi destacada por diversos veículos nacionais e internacionais. Em 2023, “a” fotografia símbolo da posse (FIG. 7), talvez a de maior repercussão, circulou instantaneamente ao evento. Com o hiato deixado por Bolsonaro, Lula subiu a rampa



acompanhado de um grupo de pessoas da sociedade civil, recebendo a faixa destes integrantes. Segundo a organização do evento, os convidados simbolizam a diversidade brasileira. Também estavam no grupo, em destaque, a primeira-dama Rosângela da Silva, o vice-presidente eleito Geraldo Alckmin e sua esposa Lu Alckmin, além da cadeia “Resistência”, adotada por Lula após sua saída da prisão em Curitiba, em novembro de 2019.



FIGURA 7: Lula sobe a rampa do Palácio do Planalto em Brasília (DF), dia 01/01/2023

FONTE: CNN Brasil¹¹, foto de Tânia Rego/Agência Brasil (Reprodução)

Ainda que fotografada por diversas câmeras, sendo reproduzida desde ângulos muito próximos, a cena atualiza a dimensão popular da festividade de posse, recuperando e ampliando o enquadramento que marcou a cerimônia de 2003, como também inscrevendo o acontecimento de duas décadas depois em chaves identitárias marcadas por questões contemporâneas da sociabilidade brasileira. Os participantes escolhidos para representar “o povo” perpassam camadas temporais que integram a história do país e a do novo presidente: Francisco Carlos do Nascimento, criança negra de 10 anos, moradora de Itaquera, periferia de São Paulo; Aline Souza, liderança do movimento nacional de

¹¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/posse-de-lula-custou-r-628-mil-42-menos-do-que-a-de-bolsonaro/>



catadores/as; Cacique Raoni, líder indígena da aldeia Kramopry-yaka; Weslley Rocha, metalúrgico do ABC; Murillo Jesus, professor; Jucimara Santos, cozinheira voluntária na Vigília Lula Livre; Ivan Baron, jovem influencer, pessoa com deficiência e militante na luta anticapacitista e Flávio Pereira, artesão, que esteve na Vigília Lula Libre durante os 580 dias em que Lula esteve preso em Curitiba. E há também a multidão que preenche a cena vivida e compõe uma imagem síntese que comunica um processo de retomada da centralidade do popular.

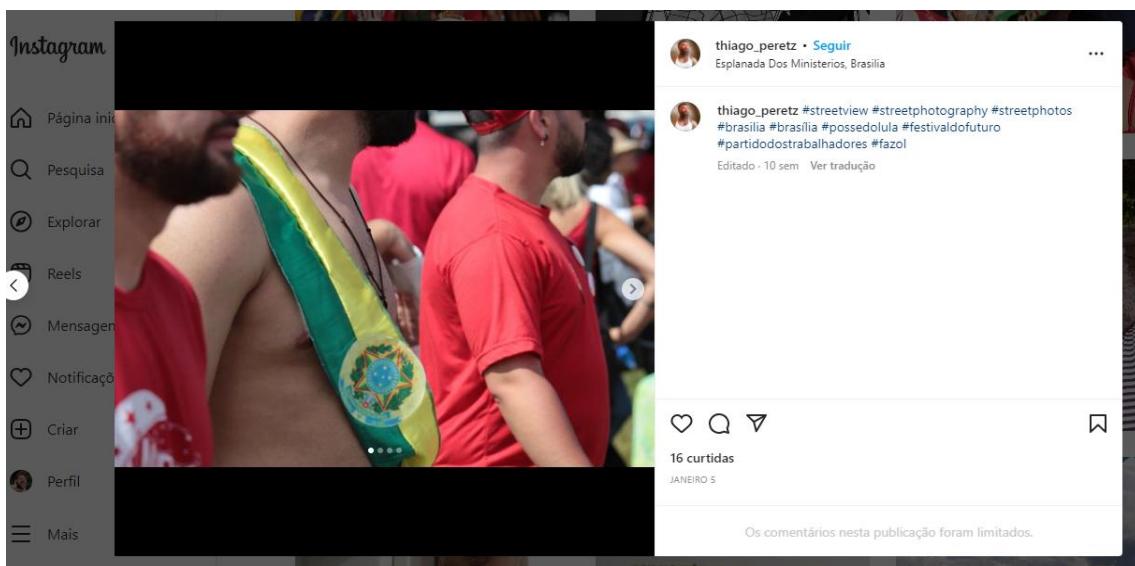


FIGURA 8: Post de 05/01/2023 do perfil @thiago_peretz no Instagram
FONTE: Reprodução da internet

No contexto que antecede à Cerimônia de Posse, já era sabido que Jair Bolsonaro não faria a passagem da faixa e havia certa especulação sobre como esse gesto simbólico seria ressignificado no dia do evento. Assim, entre as pessoas que assistiam ao evento, não raras as vezes, a faixa figurou como algo que se reivindica, à revelia da cessão. Há imagens de pessoas trajando a faixa (FIG. 8) ou exibindo-a junto a cartazes (FIG. 9), sinalizando para uma retomada popular desse símbolo que prefigura um lugar político no ordenamento institucional. Ao se vestir da faixa, faz-se dela uma presença associada a seu próprio corpo. Vesti-la envolve manifestar um desejo de reivindicar um lugar político institucional no país, a despeito dos disparates em torno do reconhecimento do resultado



eleitoral da vitória de Lula. A faixa se torna então um marcador político: não é mero adereço que pode ser (ou não) “concedido”. Ela é apropriada pelo povo, circulada entre aqueles que viam na cerimônia o significado democrático que ela carrega, reconhecendo que “tomar posse dela”, vesti-la, é se reconhecer enquanto sujeito político engajado na defesa da eleição, da democracia e da posse presidencial.



FIGURA 9: Post de 01/01/2023 do perfil @xepaativismo no Instagram

FONTE: Reprodução da internet

O envolvimento popular, a mobilização dos símbolos nacionais, a reivindicação das cores (em especial, vermelhas) como parte da festa acionam um censo democrático que remete à uma ruptura com o governo anterior, não apenas do ponto de vista ideológico, mas também histórico, já que se promove, comunicacionalmente, nos sentidos criados sobre e pelo evento, uma ideia de resistência dos sujeitos políticos em relação à defesa do Estado Democrático de Direito e de “reencontro” com o povo. Tal como ocorreu durante as *Diretas Já*, conforme apontado por Montes e Meyer (1984, 86), quando cores e símbolos nacionais foram acionados e apropriados, não se deve



subestimar a potência destes gestos coletivos, pois ele não seriam uma imagem “da patriotice grandiloquente e vazia do ‘ama com fé e orgulho a terra em que nasceste’, mas o Brasil de seu povo, o país cujo poder construímos e de que outros se apropriam, a nação que somos nós e à qual temos direito”. As autoras afirmam que essa fusão entre festa e política possui uma força pedagógica relevante para se compreender como a identidade cultural é reconstituída e atualizada na vivência (e elaboração) da festa política.

De nossa parte, destacamos a potência comunicacional investida nessa elaboração coletiva. Segundo Ângela Marques (2013), em diálogo com Rancière, um contexto comunicativo não passa apenas por reproduzir e reafirmar camadas de sentido. Ele é

[...] construído de modo a permitir uma nova disposição de corpos e vozes. A busca por um novo cenário do visível e uma nova dramaturgia do inteligível envolve reenquadrar o mundo da experiência comum como o mundo de uma experiência impessoal compartilhada. A experiência promovida por esse novo cenário e essa nova dramaturgia não se resume ao âmbito da subjetividade, mas ela é social e impessoal, uma vez que se relaciona ao processo de constituição e posicionamento dos sujeitos (Marques 2013, 138).

Nos termos propostos por Jacques Rancière, pode-se compreender que a “política existe quando a ordem natural da dominação é interrompida pela instituição de uma parcela dos sem-parcela” (Rancière 1996, 26). Desse modo, o movimento espontâneo gerado em torno do ritual previsto para a posse e para o Festival, elaborando-os criativamente enquanto festa, compõe a produção desse comum operado pela ação política que ali tem lugar.

Com isso, para que essa narrativa de reaproximação popular se torne visível, ocorre, em alguma medida, uma “inversão da ordem cotidiana”, política e citadina, incorporada pela cena da posse aqui em tela. Sabemos que esse evento, como ritual (Albuquerque e Holzbach 2007), possui uma orquestração estrategicamente pensada, o que atribui significados e leituras tanto para o seu testemunho (jornalístico ou pessoal), incluída aí uma dimensão discursiva e afetiva, quanto para a sua localização histórica, construindo parâmetros comparativos na esteira da memória sobre esse mesmo evento. No entanto, tal dimensão irruptiva, ainda que programada, viu-se amplificada e, ali mesmo, ressignificada, já que a duração do evento e sua extensão casada com outras



programações expandiu os gestos de reverberação da cerimônia explicitando a dimensão da festa como momento de constituição de um comum partilhado (Rancière 2009), potencializando, também, o sentimento público de pertença a um *continuum* histórico democrático.

3. A festa entre o tempo e a linguagem

Como parte das festividades da posse, para além das ações previstas pelo ceremonial, o *Festival do Futuro* parece congregar uma experiência coletiva de partilha das expectativas e projeções para o novo governo. Guardadas as devidas proporções, mas numa aproximação metafórica à reflexão sobre o carnaval realizada por Bakhtin (1987) a partir de Rabelais, pode-se dizer que a manifestação popular de 1º de janeiro vai ao encontro de um “[...] mundo infinito das formas e manifestações do riso” (Bakhtin 1987, 3) que, tal qual na Idade Média, opõe-se “[...] à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal”. Como afirma Melo (2014, 66) a partir de Bakhtin,

Percebendo a riqueza da comicidade contida na manifestação carnavalesca popular que, como já citado, opunha-se ao mundo apresentado como oficial e à seriedade dos ritos religiosos que se expandiam para a esfera da subjetividade, reconhece-se seu caráter profundamente político, de liberação do corpo, de ocupação da esfera pública, de manifestação coletiva, trazendo à tona um modo paralelo ao comportamento oficial de ser e estar no mundo, vividos temporariamente e criando a sensação de dualidade do mundo [...].

Nas palavras do próprio Bakhtin (1987, 4–5), recuperadas na esteira da reflexão de Melo (2014, 66), os festejos do carnaval

Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de dualidade do mundo [...] (Bakhtin, 1987, 4–5, grifos do autor).

O riso é, nas teorias sobre o alívio, presente nos estudos sobre o humor, um elemento relacionado à liberação, catarse e a sublimação (Carmelino 2022, 159). Desde um enfoque psicanalítico, diz Ana Carmelino (2022, 159), “o humor funciona como



mecanismo de liberação de tensões psicológicas". A festa, como afirmam Fernandes, Herschmann e Barroso (2019, 161) também a partir de Bakhtin (1987), está relacionada a aspectos de renovação e alternância. As festividades, assim, em tempos de crise, “[...] têm papel relevante em dar visibilidade a anseios populares de mudança da ordem”.

A interação entre festa e alívio aponta para uma *carnavalização performativa*¹², característica de intervenções urbanas que fazem dialogar arte e ativismo e reorganizam, de forma contestatória e criativa, a institucionalidade, o conservadorismo, a desigualdade e outras condições que designam disputas de poder e estruturas históricas hegemônicas. O coletivo “organizado” do/pelo *Festival do Futuro* não diz respeito a um ativismo pensado e elaborado com certos fins, mas converge numa ação de ocupação cuja catarse correspondente ganha força política e, ao mesmo tempo, dá a ver camadas temporais, subjetivas e sensíveis que simbolizam aquele acontecimento.

Tal processo de simbolização remete ainda ao caráter memorialístico que a festa convoca. Ao analisar as *Diretas Já*, Montes e Meyer afirmam:

toda festa, como celebração, é também comemoração, ato de lembrar em conjunto, não apenas aquilo que se celebra, mas a própria emoção da celebração, passada a festa: por isso ela poderá ser depois também rememorada, para que, refletindo sobre o sucedido nesse momento exemplar, se venha a compreender mais um elemento desse aprendizado que, aos poucos, o povo vai fazendo da política e da importância de sua própria participação (Montes e Meyer 1984, 89).

Esta perspectiva se evidencia quando problematizamos o lugar das *Diretas Já*, 40 anos depois, percebida pelos seus cruzamentos memorialísticos com o *Festival do Futuro*. Ao mesmo tempo que a ela faz referência, na sua condição de festa massiva, política e popular, o festival promove aberturas e tensionamentos de sentido que à ocasião não estavam pré-determinados.

Assim, uma “espontânea” performance coletiva emerge e interage com performances ceremoniais previstas, inclusive para o próprio *Festival*, e opera

¹² Em seu estudo sobre o “acontecimento Praia da Estação”, grande manifestação popular de ocupação festiva e de resistência política na cidade de Belo Horizonte, organizada por coletivos e com calendário de ocorrência desde 2010, Melo (2014) trabalha a interação entre a performatividade e a carnavalização, problematizando, via teorias teatrais e discursivas, a encenação e a enunciação dos sujeitos na cidade. Outros estudos sobre “a Praia” e seu papel no agenciamento espacial e de sentidos em Belo Horizonte estão em Melo (2019) e Migliano (2019).



ressignificando aquela data, aquele ritual e festas políticas anteriores, que compõem e dão a tônica do cenário democrático brasileiro. A imagem abaixo (FIG. 10) flagra um instante, aparentemente não posado, em que os movimentos e disposições corporais materializam esse misto de alegria e alívio, em que os braços abertos sinalizam uma disposição para o encontro com a possibilidade de outro rumo para o país que naquele instante se instala, encontro esse também explicitado na legenda quando @niveamagno_ escreve “@lulaoficial e o povo unidos!”.



FIGURA 10: Post de 03/01/2023 do perfil @niveamagno_ no Instagram
FONTE: Reprodução da internet

Essa mudança da ordem, tornada expressiva por rompantes de alegria renovada na festa, foi compartilhada intensamente nas redes sociais digitais, tanto por meio de imagens quanto pelas textualidades inscritas em diversas postagens. Na foto (FIG. 11) do riso aberto que acompanha o *post* de @alexandremitre, por exemplo, lê-se, em caixa alta, como um grito extravasado, a palavra “DEMOCRACIA”, seguida dos dizeres: “fico com a grandeza do que foi vivido frente à farsa e à barbárie que se instalaram com o objetivo de reduzir a importância desse dia tão especial”. Interessante notar que esse *post* foi publicado em data posterior à posse, no dia 9 de janeiro de 2023, um dia após a data na



qual grupos golpistas depredaram a sede dos três poderes em Brasília, numa tentativa de instituir um golpe de Estado. Com essa postagem, @alexadremitre retoma a sua imagem na festa da posse e a atualiza para reafirmar, pela dimensão emocional e expressiva acionada pela imagem, o seu caráter resistente e comprometido com as dimensões políticas que envolvem a defesa do Estado Democrático de Direito no Brasil.

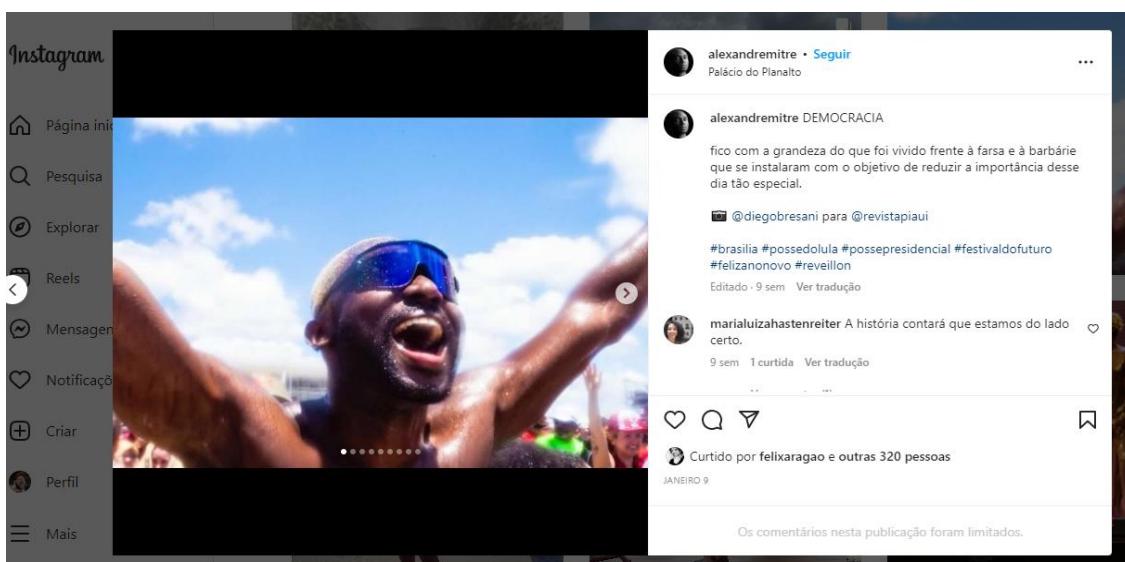


FIGURA 11: Post de 09/01/2023 do perfil @alexadremitre no *Instagram*
FONTE: Reprodução da internet

Essas imagens colocam em contato tempos diversos ao acionar a dimensão emocional da posse como nutridora das ações políticas que se delineiam no presente: a festa democrática do dia 1º é convocada para dar fôlego e resistência às lutas travadas contra os golpistas no dia 8 de janeiro, ao resgatar a alegria, o riso, o grito – o êxtase – como alimento às lutas democráticas que extravasam o dia da posse.

A festa, assim, não é ato que se encerra no tempo presente, é força movente de um espírito coletivo que se prolonga no tempo e reverbera no presente. Esse entendimento dialoga com a compreensão da festa enquanto ação de um corpo coletivo, que está intrinsecamente relacionado às práticas de resistência dos sujeitos marginalizados ao longo da história do Brasil. “A festa, destina-se, na verdade, a renovar a força”, observa Muniz Sodré (2019, 125), numa perspectiva de embaralhamento de tempo e espaço que



se dá quando corpos encenam um “jogo” que é capaz de provocar reordenamentos nas relações de poder estabelecidas.

Sodré (2019), ao analisar as práticas mítica-religiosas e festivas dos africanos escravizados no Brasil colonial, aponta para a potência de descentramento da dança – entendida como fenômeno próprio da festa – o que inspira uma analogia com os movimentos de corpos em festa aqui observados. A festa e sua relação com a rua, o espaço público, desorganiza o que está previsto em termos de contenção tanto do tempo quanto do espaço.

Ao dançar, colocando-me ora aqui, ora ali, eu posso superar a dependência para com a diferenciação de tempo e espaço, isto é, minha movimentação cria uma independência em relação às diferenças correntes entre altura, largura e comprimento. Em outras palavras, a dança gera espaço próprio, abolindo provisoriamente as diferenças com o tempo, porque não é algo espacializado, mas espacializante, ou seja, ávido e aberto à apropriação do mundo, ampliador da presença humana, desestruturador do espaço/tempo necessariamente instituído pelo grupo como contenção do livre movimento de forças (Sodré 2019, 124).

Essa ação de tomar o espaço a partir de movimentos corporais que expandem a presença, redistribuem hierarquias e alteram determinações no uso do espaço público é uma característica fundante de práticas culturais, artísticas e políticas que tomam a rua como palco de suas manifestações. Muitas imagens registradas na posse evidenciam esse movimento, como o grupo cultural como o Marafreboi (FIG. 12) com o frevo e a cultura popular nordestina, abrindo alas e caminhos com seus passos rápidos e suas fitas coloridas; ou ainda, o Boi Jatobá (FIG. 13), que traz a cultura do Bumba-meu-Boi para as largas avenidas da Esplanada dos Ministérios, recontando histórias de desejos e subversão da lei do forte, com muitos giros, perseguições e rodopios¹³.

¹³ Embora existam muitas variações na história recontada pela celebração do Bumba-meu-boi que acontece no nordeste e norte do País, o acontecimento central gira em torno do casal de escravizados Catirina e Pai Francisco. Para atender ao desejo de Catirina, que estava grávida, de comer a língua do boi, Pai Francisco mata o boi mais bonito e forte do senhor, este condiciona seu “perdão” à volta do boi, a partir daí forças míticas são convocadas a ressuscitá-lo. A imagem (FIG. 13) também exibe um reordenamento de forças na dinâmica da própria manifestação cultural, visto que há uma mulher performando o miolo do boi, lugar tradicionalmente ocupado por homens (Furbino 2018).





FIGURA 12: Post de 05/01/2023 do perfil @orquestra.marafreboi no Instagram
Fonte: Reprodução da internet



FIGURA 13: Post de 05/01/2023 do perfil @magnesio no Instagram
FONTE: Reprodução da internet

A festa, para Certeau (2008), é algo que se realiza em uma dupla dimensão: como *ato* e como *linguagem*. Ela somente se dá enquanto ação que coloca os corpos em movimento, faz circular social e aciona emoções e convivialidades, práticas do corpo, sensações e afetos. É um momento que, não sendo durável, se torna uma criação perecível



nos limites – e potências imponderáveis – do *ato*. O *ato* é produtor de uma força congregadora, que alinha o encadear das ações e das sensorialidades colocadas em comum, partilhadas, ao marcar a emergência de um coletivo que a constitui. Para Certeau,

Um concerto pop, uma representação teatral, uma manifestação têm como objetivo menos manifestar a verdade imemorial oculta em uma obra do que permitir que uma coletividade se constitua momentaneamente no gesto de se representar. [...] Nessa co-produção, a expressão é, na linguagem, um movimento que acompanha e marca uma passagem da coletividade. Ela se integra no gesto comum de “levantar o voo”, de partir e de “viajar” (*trip*). Ela é a marca de um “extase” coletivo, de um “exílio” que reúne, de uma festa. Da “saída” organizada por amigos, pela família ou por uma turma de jovens, à “manifestação” teatral, pop, grevista ou revolucionária, há um elemento comum que constitui o essencial dessas expressões: *um agrupamento social se faz produzindo uma linguagem* (Certeau 2008, 243, grifos do autor).

Enquanto produtora de *linguagem*, a festa revela mais do que um caráter agregador, posto que é criativa. Ao delinear-se como uma *linguagem*, aciona e constitui sentidos sobre a possibilidade de estar juntos, coloca em movimento o sensível e o emocional, que passam a orientar a presença e a partilha de sentidos. Tal partilha de sentidos pode ser compreendida pela dimensão comunicacional da festa, entendendo-a, conforme propõe Sodré (2019), a partir da relação que se estabelece no ato, na vinculação que constitui o comum.

Buscar uma dimensão comunicacional do fenômeno em tela é compreender o caráter vinculativo que se estabeleceu, ainda que de forma efêmera em 1º de janeiro, mas com ganhos permanentes em termos de constituição do social. O vínculo atua preenchendo de determinados sentidos o vazio que caracteriza o *comum* e, assim, estabelece a comunicação, mas não pela dimensão narrativa ou conteudista do que é trazido à cena, e sim pelo espaço do “entre” que se estabelece. “Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como uma entidade agregada, mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem (Sodré 2019, 159).

Compreendido desta maneira, o *Festival do Futuro*, embora estruturado como parte da ritualidade da Posse Presidencial, é realizado na prática sensível, na ação criativa dos atores-espectadores que o tornam vivo enquanto gesto. Esse gesto, embora “perecível” (no sentido dado por Certeau, de impossibilidade de cristalizar o ato em forma



durável), é o que permite a sua constituição enquanto linguagem cerzida pelo *comum*, compreendendo-o em seu caráter comunicacional a partir do qual ele é fundado.

É interessante notar que o gesto, para além da sua dimensão de ação, para Didi-Huberman (2017), possui um potencial interrogativo. O gesto “revira” os corpos ao desenhar-se nos ventos que nos circundam, (de)(a)nunciando a nossa presença e vontade. O gesto envolve um *levantar-se*, e

Levantar-se é jogar longe o fardo que pesava sobre nossos ombros e entravava o movimento. É quebrar certo presente – mesmo que a marteladas, como queriam Friedrich Nietzsche e Antonin Artaud – e erguer os braços ao futuro que se abre. É um gesto e uma emoção. [...] No gesto do levante, cada corpo protesta por meio de todos os seus membros, cada boca se abre e exclama o *não* da recusa e o *sim* do desejo (Didi-Huberman 2017, 117, grifos do autor).

Transpondo essa perspectiva do gesto para a linguagem emergente da festa, vemos a potência desse desejo (quiçá indestrutível) de vida que transborda no *Festival do Futuro*. Daquilo que se apreende da experiência do Festival, pelos registros e testemunhos transformados em linguagem, a pulsão de vida se manifesta pelo sentido de comunidade que a partilha do criativo e do sensível trazem. Isso remete a não apenas um encontro de tempos, aqueles da vivência de cada um nas camadas da experiência que constituem o Festival em ato e em gesto. Diz respeito a um sentido de futuro que se dá menos naquilo que ele é/será, mas na maneira como ele se anuncia. A anunciação do futuro do dia 1º de janeiro de 2023, nesse sentido, é reveladora de uma ambiência e de uma atmosfera de *comum*, cujo caráter indestrutível é também o da força da duração e do afeto (Lapoujade 2017), juntos, em sua inescapabilidade.

4. Tempos e afetos no/do Festival: que futuro é esse?

O neologismo “artivismo” também pode ser uma chave para interpretarmos essa ação de ocupação no/do Festival, mobilizada a partir do acionamento da noção de futuro, já que se caracteriza por nomear práticas que estão articuladas aos entrecruzamentos das noções de arte, ativismo, estética e política e que evidenciam o transbordamento de limites pré-definidos a esses campos. Fernandes e colegas (2022) argumentam que as iniciativas que emergem em um contexto marcado por uma intensa “precarização da vida



social”, como o vivido na última década, constituem-se de certa maneira como o *espírito do tempo* ao formularem, não exatamente respostas aos interditos, e sim espaços de viver e re-existir no tempo presente. Em diálogo com pensadores(as) decoloniais, tais como Maldonado-Torres (2017) e Walsh (2013), afirmam que “o esforço e a elaboração de (re) existências apontam para maneiras de sentir/pensar, agir e criar modo de existir no mundo que vão se constituindo por meio de várias insurgências e irrupções (re)inventadas no cotidiano, em que as práticas artísticas e os ativismos se colocam em um campo privilegiado de experimentações” (Fernandes et. al 2022, 16).

A imagem publicada por @manodablio explicitando a prática colaborativa enquanto princípio de re-existência para artistas da cena Rap que se auto identificam como “independentes” parece explicitar esse empreendimento “artivista”, que também marcou a festa da Posse. Na figura abaixo (FIG. 14), os corpos se mostram para a câmera e performam seus diferentes estilos numa ação recombinante para serem “família” e afirmam na legenda “Somos artistas que somam para fazer a arte coletiva ser a potência que é e precisa ser! [...] Sou/ Não sou/ SOMOS! / RESISTÊNCIA!”, desorganizando o caráter singular do artista e potencializando aquilo que se produz na troca.

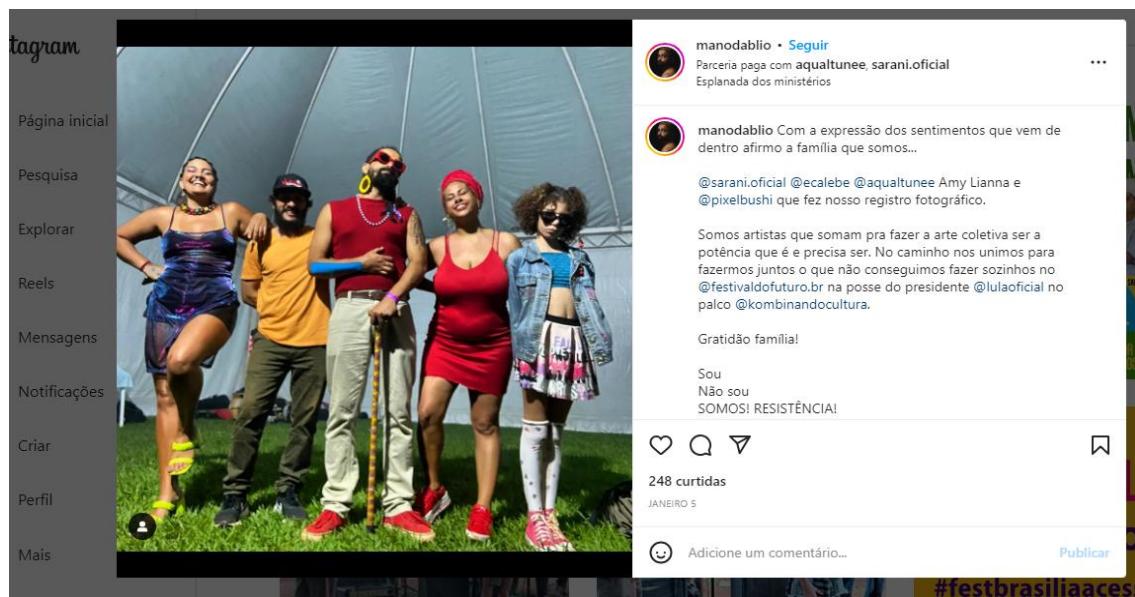


FIGURA 14: Post de 05/01/2023 do perfil @manodablio no Instagram
FONTE: Reprodução da internet



O que se viu no *Festival do Futuro*, em sua performance carnavalizada, provocada e ao mesmo tempo transbordante, dialoga com a “não oficialidade” de grupos carnavalescos, como blocos clandestinos ou informais e que, como apontam Fernandes, Herschmann e Barroso (2019, 161), refere-se a uma tomada semiótica e física do espaço por uma “prática coletiva de rompimento com a regulação do poder público, mas, sobretudo, nos registros individuais do corpo”.

Tal protagonismo deste “corpo insubordinado” sinaliza aquilo, dizem os pesquisadores, que se pode chamar de “performances dos dissensos”, em que “[...] o registro da insubordinação se dá a ver pelo aparelho sensório-motor. É através do corpo, pelo modo de estar, na dança, na fantasia e na performance que fica visível que as práticas destes grupos operam no dissenso em que a imprevisibilidade dos percursos conduz uma atitude mais ‘autônoma’ dos corpos-coletivos urbanos”. Ainda que se trate, no caso do 1º de janeiro de 2023, de um evento oficial, observar o que dele emerge remete à subversão daquilo que o antecede. Uma resposta à uma crise estrutural mais ampla da democracia no mundo (Hirsch 2019), mas também – e de forma profunda – ao contexto político recente brasileiro (Brum 2019, Manso 2020, Mattos 2020, Nunes 2022).

Pensando tal dimensão na ótica dos afetos, compreendendo a catarse como proposta e como resultado transbordante do *Festival do Futuro*, a posse, para além da cerimônia e em sua dimensão festiva, ajuda a pensar outras manifestações de luta política na cidade e na vida social, que, por meio de *jogos performativos*, tomam a “[...] alegria como estratégia de perseverar na existência, a festa como modo de performar a alegria dos corpos políticos, o riso como nascente do oceano da carnavalização, a carnavalização como fenômeno da praça pública, a praça pública como síntese das cidades (ocidentais e ocidentadas)” (Melo 2019, 18).

As imagens captadas pela hashtag #festivaldfuturo e presentes na circulação midiática do acontecimento, dão a ver esse jogo entre o oficial e o não oficial, mesclando a adesão à programação da posse com formas de intervenção sobre o evento, reformulando-o em seu próprio acontecer. Uma reunião de afetos e tempos, apreendidos em dizeres e recortes imagéticos, cuja singularidade e o conjunto ajudam a pensar a posse



como fenômeno amplificado e atualizado, que agencia um sentido histórico de democracia e política.

Em suas reflexões sobre a tomada das ruas, Judith Butler (2018), a partir dos acontecimentos coletivos da Praça Tahrir, no Egito, no inverno de 2010, considerando o interesse de estudiosos e ativistas sobre as *assembleias públicas*, problematiza o fenômeno dos corpos ocuparem as ruas, ganhando contornos extemporâneos. Nesse sentido, diz a autora, a “reunião repentina de grandes grupos pode ser uma fonte tanto de esperança quanto de medo” (Butler 2018, 7). Tal reflexão, desde um olhar das teorias democráticas, parte, inicialmente, da dialética entre “os perigos da ação da multidão” e “a potência política da reunião inesperada”, considerando “a importância das expressões da vontade popular, inclusive em sua forma de desobediência” (Butler 2018, 7). No entanto, para além de questões conceituais deste campo teórico, pode-se reconhecer as assembleias, diz Butler, em sua relação com o espaço público, não somente por aquilo que elas reivindicam, mas também por aquilo que elas performam.

As preocupações de Butler perpassam as ideias de que 1) “agir em assembleia” carrega uma concordância, que possui caráter transformador e de resistência; e de que 2) “reunir-se em assembleia” envolve uma condição estimulante na qual uma certa precariedade do existir funciona como liame de corpos para a sua atuação política. As assembleias objeto de reflexão de Butler podem ser relacionadas muito mais a fenômenos que surgem de maneira espontânea, ainda que possam crescer exponencialmente. Diferem-se, nesse sentido “original”, do lugar festivo e ritualístico do aglomerado que existiu em Brasília, no dia 1º de janeiro de 2023.

Porém, desde um olhar político, a aliança dos corpos ali presentes, reelabora, pelo *encantamento do momento*, questões de resistência e aliança, o que, além de evocar campos problemáticos da sociabilidade cotidiana nacional, reivindicados em discursos e performances, (re)situa precariedades democráticas forjadas nos últimos dez anos do contexto brasileiro (Nunes 2022, Silva 2021). A posse, nesse sentido, agrupa à festa um tom de assembleia ou, à (este tipo especial de) assembleia, alguma potência festiva.

Os corpos na rua, em aliança, para além de uma presença – de uma manifestação prática de um desejo de estar juntos – têm o potencial de restituir, por meio desse



marcador vivo, encarnado, uma reafirmação do desejo de vida, convocando o viver como ato de resistência. Ao discutir a força do corpo em provocar, pela sua existência na rua, um deslocamento de perspectivas que extrapola do individual para o coletivo, Butler oferece um olhar para o espaço do “entre”, da relação.

Isso acontece mais claramente quando pensamos sobre corpos que agem juntos. Nenhum corpo estabelece o espaço de aparecimento, mas essa ação, esse exercício performativo, acontece apenas “entre” corpos, em um espaço que constitui o hiato entre o meu corpo e o do outro. Na realidade, a ação emerge do “entre”, uma figura espacial para uma relação que tanto vincula quanto diferencia (Butler 2018, 55).

Para muitos grupos populares (aliados socialmente, perseguidos e feridos de mortes físicas e simbólicas), o “estar juntos”, amorosa e afetivamente, na rua, no comum partilhado do território onde se entretecem as vidas, é uma forma de celebrar a possibilidade e a potência de existir, de ocupar esses espaços e fazer-se sujeito político no social. Na imagem abaixo (FIG. 15), o amor enlaçado entre um e outro acentua essa urgência de se fazer presente, de existir publicamente.



FIGURA 15: Post de 02/02/2023 do perfil @lecaracortada no Instagram
FONTE: Reprodução da internet



Também por essa imagem, vemos que o gesto – no sentido de levante já acionado anteriormente (Didi-Huberman 2017) – é algo que desestabiliza e despoja do fardo das durezas sociais para movimentar-se na acolhida dos corpos-em-abraço, enlaçados, num misto de levante e encantamento, que dá a ver o desejo de viver.

Esse enlaçar-se como sinal de encantamento nos remete a Simas e Rufino (2020) que propõem, justamente, uma crítica ao desencantamento do mundo como algo provocado por agentes históricos e cotidianos de poder, promotores de desigualdades, padronização e reificações dos sujeitos. Os autores apontam para a existência de “sobreviventes” e “supraviventes”, “aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência” (Simas e Rufino 2020, 5).

O raciocínio contempla não apenas uma luta travada no campo da política e da economia, mas põe em cena uma resistência que corresponde a um “[...] conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento do mundo” (Simas e Rufino 2020, 5). Ainda que não reflitam sobre o bolsonarismo em específico e, por isso, não analisem como foco o passado político-governamental que antecede o 1º de janeiro de 2023 em Brasília, os autores apontam para o desafio que está posto em relação a uma atualidade do encantamento no contexto contemporâneo brasileiro: “A grande peleja que se trava nesse momento veste a pele dos ‘homens de bem’ preparados para dar o bote contra os pluralismos, reconexões e sabedorias táticas operadas nas frestas onde o encantamento irriga o ser de possibilidades de liberdade” (p. 5). Desse modo, os corpos que se aliam e ocupam as ruas, o Festival, se configuraram como táticas potentes na luta política por um existir plural e diverso.



Considerações finais

A ambiência apreendida na vivência do *Festival do Futuro* e de seus desdobramentos ganha descrições que, imagética e verbalmente, por parte dos que ali celebravam, é irrigada de esperança, alegria e alívio. Emoções que emergem nas manifestações, desde, inclusive, os propósitos do *Festival*; mas também se revelam como algo intangível e duradouro, que perpassa os registros e os testemunhos, indicando a existência de uma atmosfera relativa àquele espaço-tempo.

Isso sinaliza que o movimento em torno da Cerimônia de Posse, que a extrapola em termos do ritual pré-definido, ganha contornos de uma ação política também a partir do movimento de reorganização do sensível empreendido tanto por aqueles/as que voluntariamente colocaram seus corpos na composição da cena quanto por aqueles/as que, não estando na Esplanada dos Ministérios em 1º de janeiro, produziram partilhas com sentidos ali performados no que diz respeito ao modo de distribuir as partes e operar a imaginação de mundos outros.

É nesse sentido que se pode afirmar a existência de um *continuum* entre o *Festival do Futuro* e a campanha das *Diretas Já*. Na leitura de ambos os atos, como acontecimentos que deslizam no tempo, há, no desenrolar dos eventos, pelos corpos e registros deles e por eles realizados, uma ressignificação de espaços, contornando um certo território, plural e dinâmico. Ou, em outras palavras, pelo trânsito e ambiência neles formados e por eles constituídos, há um estranhamento espacial que reterritorializa o espaço e – junto aos seus sentidos históricos – provoca outras formas de experimentar o corpo e a política.

A ambiência da posse e das *Diretas*, o feixe de relações ali presentes, como território formado, “reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade” (Raffestin 1993, 158), tensionando relações de poder ali inseridas ou atravessadas. O microcosmo formado, pelas “ruas” exala encantamento. Uma reunião cujo agir coloca o encantamento como, segundo Simas e Rufino (2020, 5) “[...] ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma”.



Desse momento coletivo expandido, vemos entrecruzar a vivência da festa como um encantamento, por meio do qual emerge uma linguagem sensível que se revela enquanto resistência e potência política. *Diretas* e *Festival* dão vazão a uma partilha sensível referente a um “estar juntos”. Em ambos, apesar das diferenças históricas – um como resultado de uma conquista eleitoral e outro como ação eleitoral que “não se completou” –, a presença dos corpos se delineou como um ato que, em imponderabilidade, reverberou e colocou em movimento uma energia social, dentro de um mesmo espectro de liberação e desejo de mudança – uma força nutridora que, transbordante, nos alcança para além daqueles momentos singulares.

As imagens e textualidades sinalizadas ao longo deste artigo, disponíveis em perfis abertos de redes sociais digitais, foram acionadas a partir de uma sensibilidade que inquiria sobre um sentimento coletivo que envolveu, primordialmente, o *Festival do Futuro*. O objetivo não era restaurar ou resgatar as sensações compartilhadas no *Festival*, mas observar como elas dizem de um momento coletivo e ressoam social e historicamente, acenando possibilidades intercompreensivas sobre formas de ler e pensar o momento vivido e as possibilidades que ali se (re)inauguravam, como também se pode dizer sobre as *Diretas* (Montes e Meyer, 1984). Acreditamos que, com isso, podemos perscrutar projeções criativas de futuros, de tempos outros, que utopicamente vão se entrevendo no processar de festas político-coletivas.

Referências

- Albuquerque, Afonso e Holzbach, Ariane D. 2007. “Sob nova direção: democracia e alternância de poder na posse de Lula”. *Logos*, v. 27, p. 63-75, 2007.
- Araujo, Maria do Socorro S.; Carvalho, Alba M. Pinho de. 2021 “Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultroliberalismo, militarismo e reacionarismo”. *Revista Katalysis*, v. 24, p. 146-156.,
- Arcary, Valério. 2014. “O outro 25 de abril e as *Diretas Já*”. *Outros Tempos*, vol.11, n. 17, p.230-245.



- Assis, Charleston J. 2007. “Um, dois três, quatro, cinco, mil queremos eleger o presidente do Brasil – A Campanha Diretas Já e o Fim da Ditadura”. *Cadernos de Estudos e Pesquisas*, Ano XI, n. 25, p.13-28.
- J. Bakhtin, Mikhail. 1987. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.
- Brum, Eliane. 2019. *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Butler, Judith. 2018. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carmelino, Ana C. 2022. “Compreendendo gêneros humorísticos”. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, v. 1, p. 155-174.
- Certau, Michel. 2008. *Cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus.
- Delgado, Lucília. 2007. “A Campanha das Diretas Já: narrativas e memórias”. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, ANPUH.
- Didi-Huberman, Georges. 2017. *Levantes*. São Paulo: Ed. Sesc.
- Fernandes, Cíntia et al. 2022. *A(r)tivismos Urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências*. Porto Alegre: Sulina.
- Fernandes, Cíntia S.; Herschmann, Micael M.; Barroso, Flávia M. 2019. “Corpo, cidade e festa: as “performances do dissenso” no carnaval de rua carioca”. *Interin*, vol. 24, núm. 1, p. 157-175.
- FURBINO, Alice. “Bumba-minha-vaca: uma discussão de gênero sobre o auto do bumba-meu-boi Maranhense”. 2018. TCC, Artes Visuais/Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- Hirsch, Joachim. 2019. “Crise da democracia: qual crise?” *Revista da Boitempo*, São Paulo, n 32, 3º trimestre, p. 81-87.
- Lapoujade, David. 2017. *Potências do Tempo*. São Paulo: N-1 Edições.
- Maldonado-Torres, Nelson. 2017. “El arte como territorio de re-existencia: una aproximación decolonial”. *Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales* VIII, p. 26-28.
- Manso, Bruno P. 2020. *A República das Milícias: dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.
- Marques, Ângela C. S. 2012. “Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência”. *Contracampo*, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, p. 126-145.



Mattos, Marcelo B. 2020 *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. Usina editorial: São Paulo.

Melo, Thálita M. 2019. “O mais profundo é a festa: cartografias dos jogos performativos e da carnavaлизação em Belo Horizonte após a Praia da Estação.” Doutorado em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.

Melo, Thálita M. 2014. “Praia da Estação: carnavalização e performatividade”. Dissertação Mestrado em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.

Migliano, Milene. 2019. “A experiência da Praia da Estação: outras narrativas, multiterritorialidade e resistências no centro de Belo Horizonte”. *Logos*, v. 26, p. 93-110.

Montes, Maria Lúcia e Meyer, Marlyse. 1984. “Festa na política”. *Lua Nova*, v. 1, p. 85-89.

Nunes, Rodrigo. 2022. *Do Transe à Vertigem: Ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editoria.

Raffestin, Claude. 1993. *Por uma geografia do Poder*. São Paulo: Ática.

Rancière, Jacques. 2009. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental/ Editora 34.

Rancière, Jacques. 1996. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo, Ed. 34.

Santos, Vicente. 2015. “Todo artista tem de ir aonde o povo está - o movimento político das Diretas Já- 1983-1984”. *Revista Antítese*, v.8, n15esp, p.294-315.

Silva, Ivan H. 2021. “Da Nova República à nova direita: o bolsonarismo como sintoma mórbido”. *Sociedade e Cultura*, v. 24, p. 1.

Silva, Mayra Goulart Da e Machado Rodrigues, Theófilo Codeço. 2021 “O Populismo de direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro”. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 26, n. 1, p. 86–107.

Simas, Luiz A. e Rufino, Luiz. 2020. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula.

Sodré, Muniz. 2019. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Walsh, Catherine. 2017. *Pedagogías Decoloniales. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador.

